



Psicologia Ciência e Profissão

ISSN: 1414-9893

revista@pol.org.br

Conselho Federal de Psicologia
Brasil

Geremia, Hellen Cristine; Novaes Luna, Lúri; Sandrini, Paulo Roberto
A Escolha de Psicólogos em Cursar Mestrado em Psicologia
Psicologia Ciência e Profissão, vol. 35, núm. 3, julio-septiembre, 2015, pp. 676-693
Conselho Federal de Psicologia
Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282042221004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A Escolha de Psicólogos em Cursar Mestrado em Psicologia

Psychologists' Choice of Pursuing the Master's Degree in Psychology

La Elección de los Psicólogos para Cursar Máster en Psicología

**Hellen Cristine Geremia
& Iúri Novaes Luna**

Universidade Federal de Santa Catarina

Paulo Roberto Sandrini

Universidade do Sul de Santa Catarina

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001142013>

Artigo

Resumo: As escolhas profissionais dos psicólogos são permeadas pelas condições sociais possibilitadas pelo mercado de trabalho e campo de atuação profissional que influenciam a Psicologia como ciência e como profissão. Trata-se de uma pesquisa de levantamento cujo objetivo foi investigar o processo de escolha de psicólogos em cursar mestrado em Psicologia. Foram estudados 29 psicólogos, alunos do curso de mestrado em Psicologia de uma Universidade Federal, que responderam a um questionário. A análise dos dados evidenciou que, em relação aos motivos apresentados pelos alunos para cursar mestrado, 29% fizeram referência ao desejo de atuar como docente e 10% apontaram o projeto de atuar como pesquisador. Diante dos resultados, com base em uma abordagem sócio-histórica, é possível perceber como as condições de trabalho e educação encontradas no início do século XXI modificaram a importância atribuída pelos psicólogos pesquisados à qualificação profissional no *stricto sensu* e à qualidade da sua inserção profissional.

Palavras-chave: Psicologia. Ensino Superior. Escolha da Profissão.

Abstract: Psychologists' professional choices are permeated by social conditions, which are enabled by the labor market and the professional field that influences psychology as a science and profession. This study's objective was to investigate psychologists' choice of pursuing a *stricto sensu* postgraduate program in psychology. The participants comprised 29 psychology students from a master's program at a federal university who answered a questionnaire regarding their decision-making process. The data analysis demonstrated that 29% of the participants cited the desire of acting as docents, while 10% mentioned the objective of working as researchers. Based on a socio-historical approach, it is also possible to notice how the working and education conditions from the beginning of the 21st century altered the participants' importance regarding *stricto sensu* professional qualification and the quality of its insertion into the field of psychology.

Keywords: Psychology. Education, Higher. Career Choice.

Resumen: Las elecciones profesionales de los psicólogos están impregnadas de las condiciones sociales respaldadas por el mercado de trabajo y campo de desempeño profesional que influyen en la psicología como una ciencia y como profesión. Se trata de una investigación de sondeo cuyo objetivo fue investigar el proceso de elección de los psicólogos para realizar cursos de maestría en psicología. Se estudiaron 29 psicólogos estudiantes de la maestría del programa de postgrado en Psicología de la UFSC, que completaron un cuestionario. El análisis de los datos mostró que, con relación a las razones presentadas por estudiantes para cursar maestría, 29% hicieron referencia a la voluntad de actuar como docente y 10% mencionó el deseo de actuar como investigador. Frente a los resultados, basado en un enfoque socio-histórico, se puede ver cómo las condiciones de trabajo y de la educación que se encuentran al principio del siglo XXI modificaron la importancia atribuida, por los psicólogos encuestados, a la cualificación profesional en el sentido estricto y la calidad de su empleabilidad.

Palabras clave: Psicología. Educación Superior. Selección de Profesión.

Introdução

As transformações do capitalismo que ocorreram ao longo do século XX foram desencadeadas e desencadearam inúmeras mudanças sociais e tecnológicas. Modelos diferenciados de produção foram inseridos nas organizações e as exigências do mercado pela produção de bens individualizados e personalizados, no

menor tempo, com menor custo e de melhor qualidade, determinaram uma mudança fundamental na forma de trabalhar (Alves, 2007; Antunes, 2002). Passaram a ser exigidas dos trabalhadores maior qualificação e características técnicas e comportamentais particulares, como flexibilização e polivalência (Alves, 2007; Antunes, 2002; Aranha, 1997; Bihr, 1998; Mattos, 2007). Isto é, o mercado

de trabalho passa a demandar trabalhadores mais qualificados.

Nesse contexto, em função do empenho de gestores acadêmicos e governamentais de formar recursos humanos para atuar em setores diferentes da sociedade visando aporte para o processo de modernização do país, houve uma expansão da pós-graduação *lato sensu* no Brasil (Cury, 2004).

O presente estudo visou discutir determinados aspectos das constantes transformações que ocorrem no mundo do trabalho e seu impacto na educação universitária, principalmente no que tange às questões de inserção profissional de jovens graduados em Psicologia, que podem influenciar a escolha destes por buscar um curso de mestrado na sua área de formação.

Cursar uma pós-graduação *stricto sensu* é resultado de uma escolha profissional deliberada que pode sofrer influências de uma série de fatores, tais como: fatores políticos e sócio-econômicos, que abrangem aspectos relacionados à política governamental, mercado de trabalho, informatização das profissões, efeitos da globalização sobre as classes sociais, condições de vida, etc.; fatores educacionais e familiares, que envolvem questões do sistema de educação (ensinos fundamental, médio e superior) e as expectativas familiares que influenciam no momento da escolha, entre outros; expectativas e percepções sobre as profissões; aspectos psicológicos que, conforme pontua Soares (2002), estão relacionadas às habilidades, competências e motivações pessoais, entre diversos outros fatores (Bock, 2002; Bohoslavsky, 1998; Gómez, 2006; Luiz, 2008; Neiva, 1995; Soares, 2002).

Justamente por envolver um conjunto de fatores é que procurou-se compreender, além dos motivos da escolha, quais os aspectos estão relacionados à inserção de psicólogos nos programas de pós-graduação e, também, quais as expectativas dos psicólogos que cursam mestrado com relação a sua prática profissional.

Além da mudança no processo de produção e acirramento da competição entre as

organizações, Pochmann (2002) menciona a redução de emprego e Mattos (2007) destaca, ainda, o advento da educação permanente, caracterizada pelo aumento dos cursos de aperfeiçoamento e “reciclagem” destinados aos trabalhadores que buscam adquirir as “competências” exigidas a partir de então. O desenvolvimento de formas mais flexíveis de produção de capital, isto é, a reestruturação produtiva, teve consequências principalmente na expansão do desemprego em todo mundo (Antunes, 2002; Antunes, & Pochmann, 2008; Pochmann, 2002).

No Brasil, este processo pode ser percebido a partir da década de 1980. Desde essa época também foi possível perceber a desestruturação do mercado de trabalho no país, caracterizado pela gradativa eliminação dos empregos com registro formal, através da subcontratação e terceirização da força de trabalho (Antunes, 2002; Antunes, & Pochmann, 2008; Pochmann, 2002).

Embora a taxa de desemprego tenha apresentado tendência negativa no período de 2002 até 2009 – com aumento de 8% no período de 2008 para 2009 em função da crise financeira internacional –, o Brasil já esteve entre os primeiros colocados na hierarquia mundial de desemprego, sendo os jovens os mais atingidos (Oliveira, & Cunha, 2010; Pochmann, 2002).

Pochmann (2002), Alves (2007) e Mattos (2007) enfatizam a importância da qualificação para a produção da força de trabalho. Se essa mudança na forma de produção de capital exige do trabalhador um perfil diversificado, de aquisição de saberes e desenvolvimento de novas competências, a educação se torna uma condição necessária para a inserção no mercado de trabalho. Alves (2007) salienta que, embora a qualificação não garanta a inserção do sujeito no mercado de trabalho, capacita-o para concorrer por um emprego. Esse quadro faz emergir novas demandas de formação e qualificação profissional.

Chauí (2001) alega que a tarefa de qualificar esses profissionais ficou destinada à escola básica, que iria “alfabetizar e treinar ‘mão

1 De acordo com dados do Censo da Educação Superior de 2010, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), havia 183 Instituições de Ensino Superior (IES) públicas em 2001 e 1.208 IES privadas no Brasil. Em 2010, o número de IES públicas subiu para 278 enquanto que, para as instituições privadas, aumentou para 2.100 (Brasil, 2011).

2 Capital cultural, de acordo com Bourdieu (2010), existe sob três formas: a) *Estado incorporado*, está ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação, demanda tempo e deve ser investido pelo próprio sujeito; b) *Estado objetivado*, sob a forma de bens culturais, tais como quadros, livros, dicionários, máquinas, que constituem indícios de apropriação de teorias ou de críticas dessas teorias que permitem desfrutar de tais bens; e c) *Estado institucionalizado*, títulos e diplomas escolares que, como o dinheiro, possibilitam relativa segurança em relação ao portador do título (p. 74).

3 O segmento público é responsável por 82% da oferta dos cursos de mestrado e por 90% dos cursos de doutorado (Brasil, 2004).

de obra' barata para o mercado de trabalho" (p. 36). Porém, conforme a mesma autora, os alunos de classes populares concluem o ensino médio e, não contratados, acabam procurando a universidade para se "qualificar".

No entanto, nem todos estes alunos possuem condições de concorrer a vagas nas universidades públicas, o que possibilita a desistência do ensino superior ou a busca por uma vaga em universidades privadas, cujo número cresceu abruptamente nos últimos anos. Consequentemente, ao mesmo tempo em que muitos jovens ingressam no ensino superior por acreditarem, conforme Mattos e Bianchetti (2007), que terão melhores condições de competir por uma vaga de emprego, houve uma desvalorização do diploma universitário em algumas áreas e a disseminação de trabalhos rotineiros entre os jovens diplomados. Prandi (1982, citado por Mattos, & Bianchetti, 2007) afirma que, na década de 1980, um terço da população brasileira com nível superior exercia funções que exigiam apenas o nível médio, quando menos de um terço exercia funções que exigiam graduação.

Diante da expansão universitária¹ e da busca por melhores empregos com salários mais elevados, trabalhos mais complexos e maior estabilidade, muitos jovens têm permanecido mais tempo nas universidades, aumentando seus níveis de escolaridade. Nessa conjuntura, a pós-graduação pode se configurar como uma escolha para o desenvolvimento profissional. No entanto, a pós-graduação é caracterizada como um "funil seletivo de docentes e estudantes" (Chauí, 2001, p. 38). Bourdieu (2010) afirma que as classes populares teriam capital econômico e cultural² reduzidos e investem moderadamente em educação justamente por precisarem de uma inserção rápida no mercado de trabalho, enquanto que as classes médias tendem a investir mais sistematicamente na escolarização. A reflexão que este autor faz está relacionada às maiores chances da classe média, em comparação à classe popular, obter as melhores colocações no mercado de trabalho. Esse pode ser considerado um dos principais fatores para a maior parte dos alunos das universidades públicas e gratuitas – detentoras da maior parte dos programas

de pós-graduação³ – serem de classe média (Chauí, 2001). Observa-se uma modificação dessa tendência em razão do desenvolvimento de políticas de ações afirmativas que amplia o acesso de classes populares ao ensino superior.

É importante mencionar que, conforme o parecer do Conselho Federal de Educação – CFE nº 977/65 (Almeida Júnior et al., 2005), o objetivo eminente da pós-graduação é possibilitar ao estudante "o aprofundamento do saber que lhe permita alcançar elevado padrão de competência científica ou técnico-profissional". A pós-graduação pode ser distinta em *sensu lato*, que trata de cursos de especialização e aperfeiçoamento de cunho técnico-profissional, e pós-graduação *sensu stricto*, que tem o objetivo de formar docentes e pesquisadores, isto é, possui um caráter acadêmico e de pesquisa, compreendendo os programas de mestrado e doutorado (Almeida Júnior et al., 2005; Brasil, 2004). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Brasil, 1996) que impõe a presença de mestres e doutores nos quadros docentes, possivelmente também favoreceu o aumento da busca pela titulação de mestrado e doutorado (Cury, 2004; Noronha, 2003; Weber, 2003).

Independentemente dos motivos que sejam apresentados para justificar a expansão da pós-graduação, dados do Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) 2011-2020 (Brasil, 2010a) demonstram que, entre 1976 e 2010, houve um aumento de aproximadamente 500% no número de cursos de mestrado recomendado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Em um período de 23 anos (1987 a 2009), o número de titulados em mestrado no Brasil aumentou em 974%, chegando a formar em média, 15,6 mestres por 100 mil habitantes em 2003 (Brasil, 2010a).

O Plano Nacional de Pós-Graduação 2005-2010 (Brasil, 2004) apresenta dados relativos ao destino dos mestres egressos da década de 1990 e constatou que somente 40% desses profissionais exerciam suas atividades em setores acadêmicos (universidades e institutos de pesquisa), ao passo que 20,7% atuavam em setores de administração

e serviços públicos, 21,1% em empresas públicas e privadas, 12,5% em escritórios e consultorias e os 5,7% restantes atuavam em outros setores não definidos. É possível perceber que as Instituições de Ensino Superior (IES) continuam absorvendo grande parte dos egressos dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, mas que também há demanda desse profissional em outros setores (Weber, 2003). Embora não seja possível inferir que os mestres não desempenhem funções relacionados à produção de pesquisa e ciência em outras áreas diferentes da acadêmica, esses dados possibilitam questionar o objetivo da formação de mestres. Questiona-se o que motiva os profissionais a dar continuidade a sua formação por meio da realização de pós-graduação *sensu stricto* para além do desejo de contribuir para o desenvolvimento do aparato científico, cultural e tecnológico do país.

Na área de Ciências Humanas, a meta do Plano Nacional de Pós-graduação 2005-2010 (Brasil, 2004) era aumentar, em um período de sete anos (2003 a 2010), em 57% o número de mestres, isto é, investir consideravelmente na formação técnico-científica desses profissionais. Dados do Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação 2007-2010 do Ministério da Ciência e Tecnologia indicam que, entre 2001 e 2010, o número de mestres e doutores dobrou no Brasil (Brasil, 2010b). Conforme a mesma fonte, em 2009 titularam-se cerca de 38,8 mil mestres no Brasil, tendo em vista que o maior índice de mestres titulados no final desse mesmo ano, é da Ciências Humanas com 17%, seguidas pelas Engenharias, Ciências da Saúde e Ciências Sociais Aplicadas com 14% cada uma (Brasil, 2010a). Na Psicologia, o número de psicólogos titulados no mestrado em 2006, era de 861 e de 225 no doutorado (Yamamoto, Souza, Silva, & Zanelli, 2010).

Um estudo realizado com psicólogos do Brasil entre os anos de 2005 e 2006 revelou que os psicólogos estão em busca de “habilidades para atingir a condição de especialização flexível e uma bagagem carregada de competências portáteis” por meio dos cursos de pós-graduação (Malvezzi, Souza, & Zanelli, 2010, p. 86). Esta pesquisa demonstra que cerca de 60% dos psicólogos da amostra

pesquisada têm envolvimento com alguma forma de pós graduação, seja *lato* ou *stricto sensu* (Yamamoto et al., 2010). Este mesmo estudo também revela que 62,1% dos psicólogos atuam exclusivamente no campo da Psicologia e que os demais apresentam algum tipo de inserção que demonstra alguma precariedade, tais como: a combinação da atuação em Psicologia com outro tipo de trabalho em outra área, a atuação totalmente fora da área, os que nunca atuaram na Psicologia ou então já atuaram, mas estão desempregados (Heloani, Macêdo, & Cassiolato, 2010). Dos que já atuaram, mas estão desempregados, os principais motivos apresentados foram problemas pessoais, familiares e a baixa remuneração e entre os que nunca atuaram na profissão, dentre os motivos apresentados o que mais se destacou, de acordo com os autores, foi a ausência de oferta de trabalho e a baixa remuneração das possibilidades de inserção. Esses dados revelam uma realidade do mercado de trabalho do psicólogo que pode estar associado a escolha por fazer uma pós-graduação: mercado de trabalho e remuneração restritos.

A literatura sobre escolha profissional indica que este tema é tratado, no Brasil, a partir de diferentes perspectivas. Em alguns casos, estudos são desenvolvidos com foco na escolha profissional por determinados cursos universitários (Magalhães, Stralio, Keller, & Gomes, 2001; Sales, & Chamon, 2011; Ribeiro, Leal, Diamantino, & Bianchi, 2011; Tartuce, Nunes, & Almeida, 2010) ou na análise do processo de escolha e dos interesses profissionais (Bardagi, Santos, & Luna, 2014; Feijoo, & Magnan, 2012; Gramani, & Srich, 2012; Magalhães, 2008; Nepomuceno, & Witter, 2010; Noronha, & Ambiel, 2015; Santos, 2005; Silva, 2004). Encontram-se, ainda, estudos sobre orientação profissional (Almeida, & Pinho, 2008; Barbosa, & Lamas, 2012; Moura, & Silveira, 2002) e a respeito especialmente de trabalhos de orientação profissional com jovens de camadas populares (Costa, 2007; Soares, Krawulski, Dias, & D’Avila, 2007; Valore, & Cavallet, 2012). Desenvolvimento de carreira com alunos de graduação (Dias, & Soares, 2012; Luna, Bardagi, Gaikoski, & Melo, 2014; Oliveira, & Melo-Silva, 2010) e imagens sociais das profissões e carreiras

(Fernandes, 2011; Silva, Borges, & Barbosa, 2014) também são temas investigados na área da escolha profissional.

No que se refere especificamente a estudos relacionados à escolha pela carreira de pesquisador que mais se aproximam da investigação aqui apresentada, destacam-se os estudos de Louzada e Silva Filho (2008) com pós-graduandos de um curso na área biomédica e de Silva e Ribeiro (2012) a respeito de mulheres cientistas. O primeiro, mediante entrevistas com um grupo de 21 pós-graduandos (mestrandos e doutorandos) e observações participantes, objetivou compreender o processo de escolha da atividade de pesquisa como profissão. Como seus resultados apontaram que, de forma geral, a escolha profissional ocorreu de maneira gradativa no decorrer no tempo, os autores concluem que a escolha profissional em ciências biomédicas deve ser enfocada como um processo (Louzada, & Silva Filho, 2008). O segundo, com base na perspectiva de gênero na ciência, discute a escolha profissional e a inserção das mulheres na ciência a partir da análise de entrevistas com seis mulheres com ampla experiência e trajetória na carreira científica em universidades públicas e instituições de pesquisa. Entre os fatores que contribuíram para a construção da decisão das entrevistadas em suas escolhas profissionais, as autoras destacaram os motivos pessoais atravessados por incentivos familiares, por pessoas que se constituíram como referência, por determinadas representações da ciência e de cientista, por questões econômicas, pela possibilidade de inserção no mercado de trabalho e pelo *status* social de algumas profissões (Silva, & Ribeiro, 2012).

Alguns estudos foram dedicados também à Psicologia como, por exemplo, a pesquisa de Weber (2003) que investigou, entre outros aspectos, os motivos que levam psicólogos a estudar em nível de mestrado e doutorado. Nesta pesquisa, os psicólogos investigados pela autora indicaram, na época, que uma das motivações era aprimorar o trabalho acadêmico ou de docência (70%) ou ainda, ampliar as oportunidades de trabalho (68%). Mais recentemente, Gondim, Magalhães e Bastos (2010) exploraram em seus estudos

as explicações que psicólogos brasileiros pesquisados por eles dão, para a escolha da profissão e da área de atuação e eles consideraram fatores tais como: vocação, liberdade de atuação, a influência de outras pessoas, entre outros.

Mattos (2007) também realizou uma pesquisa com estudantes de mestrado de programas de pós-graduação (odontologia, sociologia política, recursos genéticos vegetais, educação física, economia, literatura, física, engenharia ambiental e farmacologia) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), cujo objetivo era compreender o desemprego entre os jovens profissionais e analisar o processo de precarização do emprego ascendente no padrão de acumulação flexível (Harvey, 1992), contudo, este estudo não envolveu os alunos do Programa de Mestrado da Pós-graduação em Psicologia da referida Universidade. A autora demonstrou que devido às constantes transformações no mundo do trabalho ocorridas em meados dos anos 1980, jovens diplomados se inseriam no mercado de trabalho através da realização de atividades informais ou então, permaneciam estudando por necessidade de ocupação até conseguirem um emprego.

Frente a essas informações observa-se que a escolha por realizar uma pós-graduação *sensu stricto* pode estar vinculada à iniciativa de dar continuidade aos estudos como forma de prorrogar a inserção no mercado de trabalho, pelo desejo de seguir carreira docente ou de pesquisador, entre outros. Assim, buscou-se conhecer mediante a presente investigação, o processo de escolha de psicólogos em cursar pós-graduação *sensu strictu* em Psicologia.

Método

Esta pesquisa, de natureza quali-quantitativa, visou possibilitar uma percepção mais ampla do fenômeno estudado, sendo classificada como do tipo descritiva, enquadrando-se no modelo de delineamento denominado pesquisa de levantamento (Appolinário, 2009). Foram estudados 29 psicólogos que estavam frequentando as disciplinas obrigatórias, de um total de 63 alunos matriculados no mestrado do Programa de Pós Graduação em Psicologia

4 A configuração completa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC está disponível em: <<http://ppgp.ufsc.br/>>.

(PPGP) da UFSC no momento de realização desta pesquisa (2010).

O Programa de Pós-Graduação em Psicologia⁴ (PPGP) da UFSC está vinculado ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas e foi instituído pela Resolução nº 57/CEPE/UFSC de 6 de dezembro de 1994, tendo sua implantação no segundo semestre de 1995. O curso de mestrado foi reconhecido pela CAPES em 1999 e o doutorado teve início em março de 2004 (PPGP, 2010). Até 2012, o programa era estruturado a partir de três áreas de concentração, a saber: **1.** Aprendizagem, Processos Organizacionais e Trabalho; **2.** Práticas Sociais e Constituição do Sujeito; e **3.** Processos Psicossociais, Saúde e Desenvolvimento Psicológico. Cada área de concentração possuía suas respectivas linhas de pesquisa.

A coordenação do programa autorizou a aplicação de um questionário com 26 questões durante as aulas, em dias e horários anteriormente agendados com os professores responsáveis pelas disciplinas. O questionário, elaborado especificamente para o presente estudo, foi composto por perguntas abertas e fechadas, ou seja, por questões objetivas de múltipla escolha e dissertativas que envolviam um conjunto de informações sobre características socioeconômicas (12), da trajetória acadêmica (4) e profissional (3) dos sujeitos pesquisados e aspectos relacionados à escolha em cursar pós-graduação (7). Assim, as respostas dadas pelos sujeitos pesquisados foram apresentadas – na discussão dos resultados – de forma conjunta, por tema supracitado, ou seja, as respostas serão abordadas em conjunto e não de acordo com as respostas dadas a cada uma das questões específicas.

A coleta de dados se deu em quatro dias, com a aplicação dos questionários em três turmas, com duração de cerca de 30 minutos por aplicação. Os dados provenientes dos questionários foram analisados com a utilização de estatísticas descritivas (Barbetta, 2012), sendo que as questões dissertativas foram previamente categorizadas de acordo com os sentidos presentes nas mensagens (Gomes, 1994). Os dados tratados foram organizados em forma de tabelas e gráficos e depois

interpretados. Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

A amostra corresponde a 46% da população total, sendo composta majoritariamente por mulheres (72%), jovens (76% dos alunos pesquisados tinham entre 23 e 30 anos de idade). Cerca de 79% dos alunos pesquisados se declararam solteiros e 72% realizavam atividade remunerada. Destes, 45% declararam ter uma renda mensal familiar aproximada de R\$1.800,00 a R\$5.000,00 e 41% de R\$5.001,00 a R\$10.000,00. Os dados apontam que mais de 50% dos sujeitos pesquisados concentram sua renda familiar aproximada relativamente alta, em comparação aos sujeitos pesquisados por Mattos (2007) na mesma IES, no qual 47% da população pesquisada concentravam sua renda domiciliar em faixas inferiores de rendimento, isto é, até R\$ 2.000,00.

Resultados e discussão

Ao longo deste estudo foi possível perceber que cursar uma pós-graduação *stricto sensu* é resultado de uma escolha profissional que pode sofrer influências de diversos fatores. Essa escolha profissional, por ser processual, ocorre ao longo de diferentes momentos da vida do sujeito e por diversificados motivos, que se inter-relacionam. Assim sendo, seus resultados aproximam-se dos encontrados por Louzada, & Silva Filho (2008) e Silva, & Ribeiro (2012) quanto ao caráter gradual da escolha profissional, à singularidade dos percursos em direção ao mundo da pesquisa e à multideterminação presente nos processos de construção das decisões profissionais.

As escolhas dos mestrandos aqui investigados estão permeadas pelas condições sociais estabelecidas e possibilitadas pelo mercado de trabalho que influenciam a Psicologia como ciência e como profissão. Nessa perspectiva, encontraram-se mestrandos que, em sua maioria, são mulheres, jovens, solteiras, sem filhos, que moram com a família, desenvolveram pesquisa durante a graduação, estão inseridos no mercado de trabalho e, entre outras características, são pós-graduados em

alguma especialização. Na mesma direção, as investigações sobre a escolha profissional dos mestrados e doutorandos da área biomédica (Louzada, & Silva Filho, 2008) e de pesquisadoras experientes (Silva, & Ribeiro, 2012) evidenciaram a complexidade envolvida em tais processos, considerando as condições e relações sociais, culturais, históricas, econômicas e políticas específicas que atravessam e determinam as decisões pessoais.

Os dados dessa pesquisa revelaram que 62% dos alunos pesquisados haviam decidido cursar mestrado ainda durante a graduação, por meio da elaboração de um planejamento de carreira. Ao longo da trajetória universitária muitos vínculos são estabelecidos, o que acaba por influenciar as escolhas a serem realizadas, e assim novos projetos são construídos. Conhecimentos acerca da profissão são assimilados, da mesma forma que sobre si mesmo e, também, sobre a sociedade, até chegar o momento de inserir-se no mercado de trabalho e tentar realizar o planejamento que foi constituído (Teixeira, 2002, p. 28). No decorrer do curso de graduação há a possibilidade de envolvimento em atividades ligadas às práticas profissionais em todos os âmbitos, como estágios curriculares não obrigatórios, iniciação científica, projetos de extensão, palestras, seminários, congressos, o que indica um “reconhecimento de que experiências complementares à vida acadêmica são fundamentais à formação profissional” (Teixeira, 2002, p. 29). Essas experiências, esse caminho que foi delineado, pode influenciar as escolhas para o futuro profissional do aluno. Caso ele tenha desenvolvido atividades de iniciação científica, demonstrando algum interesse pela pesquisa durante a graduação, um de seus projetos pode ser a inserção em um mestrado para a constituição de carreira docente ou de pesquisador.

No que tange à trajetória acadêmica, 93% dos mestrados pesquisados relataram ter desenvolvido pesquisa durante a graduação. Ainda conforme os dados obtidos nessa pesquisa, 29% das indicações de respostas dos alunos em relação aos motivos para cursar mestrado foram relacionadas ao desejo de seguir carreira docente. Esse dado corrobora a ideia de que há

fatores que influenciam na escolha por cursar um mestrado antes mesmo da conclusão da graduação, o que configura a escolha como um processo que se consolida na medida em que o aluno vivencia uma diversidade de atividades acadêmicas durante a sua formação.

Louzada, & Silva Filho (2008) observaram em seu estudo com mestrados e doutorandos que certos entrevistados já manifestavam interesse antigo pela pesquisa (relacionado a características pessoais), outros desde o ensino médio, ou seja, mesmo antes da graduação. Todavia, alguns pós-graduandos revelaram que inicialmente não pensavam em ser docentes pesquisadores e que com o passar do tempo e da formação foram “interessando-se mais pela atividade de pesquisa e envolvendo-se em novas atividades/cursos até chegar à pós-graduação” (Louzada, & Silva Filho, 2008, p. 755). A importância do orientador na definição profissional também foi percebida pelos autores.

Existem hoje distintas concepções de como ocorre o processo de escolha profissional, apresentadas por teorias não psicológicas e teorias psicológicas (Gondim et al., 2010). De acordo com os autores, as teorias não psicológicas abrangem aspectos relacionados à determinação socioeconômica, lei de oferta e da procura, empregos vantajosos com poder atrativo e carreira determinada, enquanto as teorias psicológicas mencionam a influência social, sendo a escolha resultante da avaliação de características pessoais e ocupacionais e do autoconceito vocacional, que é a base das decisões sobre carreira e carreira construída. Resumidamente, os autores pontuam que a escolha de uma profissão envolve aspectos que integram fatores internos, que envolvem a influência de pessoas, vocação e liberdade; e fatores externos, relacionados à remuneração, o *status* social da profissão e o mercado.

Sobre a escolha pela área de atuação, uma pesquisa realizada por Gondim et al. (2010) revelou que, independentemente da área de atuação escolhida, os psicólogos pesquisados por eles, consideram mais os fatores internos. Já para a escolha da área docente, os psicólogos apresentam uma média dos fatores externos

um pouco mais elevada. Sob este contexto, considerando a quantidade de sujeitos que relataram como motivo para cursar mestrado o desejo de seguir carreira docente, foi possível perceber que aspectos relacionados à remuneração dessa profissão, o *status* social atrelado ao professor universitário e o próprio mercado de trabalho para esses profissionais têm se configurado como fatores que influenciam a realização dessa escolha. Esse dado é semelhante ao encontrado na pesquisa de Weber (2003) que, quando questionados sobre as motivações que os levaram a prosseguir os estudos em nível de mestrado e doutorado, os psicólogos pesquisados apresentaram dois argumentos: “aprimorar o trabalho acadêmico ou de docência” e “ampliar oportunidades de trabalho”.

Especificamente sobre o mercado de trabalho para o docente, é preciso levar em consideração o fato de que nos últimos anos houve uma considerável expansão do ensino superior privado no Brasil, inclusive com a propagação de cursos de Psicologia, fazendo crescer a oferta de empregos para os psicólogos docentes (Gondim et al., 2010). Esse dado é corroborado por Bastos, Gondim e Borges-Andrade (2010), que indicam que 14,5% dos psicólogos são absorvidos pela docência e a expansão do ensino superior não só aumentou o número de psicólogos docentes, mas ampliou também a possibilidade de que os “profissionais conciliassem essa atividade com outras modalidades de atuação” (p. 429). Conciliar a profissão de docente com outra atividade seria uma possibilidade de aumento de remuneração, configurando-se, possivelmente, como um motivo para escolher cursar um mestrado.

Quando questionados acerca dos motivos que os levaram a escolher cursar mestrado (os alunos podiam apresentar mais de uma resposta), além dos 29% que indicaram a categoria “atuar como docente ou seguir carreira acadêmica”, 16% das indicações de resposta estiveram relacionadas ao desejo de “qualificar-se profissionalmente”, 10% indicaram que cursavam o mestrado, pois já eram docentes, 10% “especializar-se na área”, 10% atuar como pesquisador. As demais indicações

estavam relacionadas ao desejo de continuar estudando, conseguir emprego ou estabilidade profissional, buscar complementação para a graduação. Tendo em vista a díade pesquisa-ensino relacionada à carreira acadêmica, os motivos da escolha pelo mestrado podem variar nessa dimensão. Como a pós-graduação *stricto sensu* pode ser entendida como um requisito essencial para tornar-se pesquisador, nos relatos dos mestrandos e doutorandos da área biomédica estudados por Louzada e Silva Filho (2008, p. 759), por exemplo, de maneira significativamente distinta da encontrada na pesquisa aqui discutida, a docência só apareceu de forma periférica, sendo considerada simplesmente “como via de acesso ao que realmente interessava: a pesquisa”.

Chama a atenção o fato de alunos terem indicado como motivo para cursar mestrado a complementação da graduação para atuação no mercado de trabalho e a busca por melhores qualificações profissionais. De acordo com Teixeira (2002), muitos alunos de graduação percebem a formação recebida na graduação como sendo insuficiente para uma boa colocação no mercado de trabalho.

Assim, foi investigado nesta pesquisa se os alunos pesquisados realizaram outros cursos de pós-graduação anterior ao mestrado. Na pesquisa de Mattos (2007), 66% dos sujeitos nunca obtiveram nenhum tipo de certificado/diploma de outra pós-graduação, sendo que 28% afirmaram ter realizado um curso de especialização e os 6% restantes, cursos de outras naturezas. Já entre os mestrandos pesquisados do PPGP da UFSC, 69% relataram que já realizaram ou estão realizando outro(s) curso(s) de pós-graduação ou formação⁵. Esses dados, além de corroborar a tese de Teixeira (2002), possibilitam uma reflexão acerca das possibilidades e disponibilidades de tipos diferentes de especializações para os alunos e profissionais de Psicologia, que compreendem desde cursos de “formação” em perspectivas teóricas e residências hospitalares, até especializações de gestão em educação, de pessoas, coordenação de grupos, MBA executivo e outras especializações *lato sensu*. Nessa perspectiva, questiona-se, novamente, a função da pós-graduação *stricto sensu* e

5 O termo *formação* é comumente utilizado pela categoria profissional dos psicólogos para designar um modo de aprofundamento profissional pautado numa teoria ou método psicológico particular. Os chamados *cursos de formação* são desenvolvidos tanto por instituições formalmente organizadas quanto por profissionais individualmente.

retrocede-se ao contexto histórico da constituição da universidade.

De acordo com Santos (2003, p. 196), a dicotomia educação-trabalho atrelada à universidade – em que a educação era a transmissão de cultura, formação de caráter, modo de aculturação, privilégio de elites e, o trabalho, o desempenho de força física, manuseio de meios de produção, etc. – passou por todo o primeiro período de desenvolvimento capitalista, transformando-se no final desse período, onde a “educação cindiu-se entre a cultura geral e a formação profissional e o trabalho, entre trabalho qualificado e não qualificado”. A universidade encontrou alternativas de compatibilização dessas frentes que tiveram consequências no ensino de pós-graduação.

Essa conexão entre educação e trabalho vem sendo questionada justamente porque a crescente transformação dos processos produtivos faz com que a educação seja concomitante ao trabalho, e não anterior a ele (Santos, 2003). De acordo com o mesmo autor, a tendência é que a formação e o desempenho profissional fundam-se num único processo, apresentando como sinais a exigência de educação permanente, a “reciclagem”, entre outros (p. 197). Essa tendência é corroborada pelo dado discutido anteriormente, onde 69% dos alunos pesquisados realizam ou já realizaram pós-graduação ou “formação”. Bastos et al. (2010) afirmam que o psicólogo é um profissional que está em constante busca de aperfeiçoamento, procurando preferencialmente a especialização.

Quando indagados sobre os motivos que os levaram a cursar mestrado em Psicologia (os alunos podiam apresentar mais de uma resposta), 48% dos pesquisados relataram o desejo de “atuar como psicólogo”. Esse dado demonstra uma percepção limitada da possibilidade de uma formação interdisciplinar da prática psicológica por parte dos alunos, uma vez que não é necessário fazer mestrado ou doutorado em Psicologia para atuar como psicólogo. A própria graduação e registro no conselho de regulamentação da categoria concedem esse direito.

O desejo de atuar profissionalmente como psicólogo pode ser reflexo do que Bastos et al. (2010) retratam como “forte identidade com a ocupação escolhida”, caracterizada pela dedicação do profissional, pelo investimento contínuo em aperfeiçoamento para obter altos índices de desempenho (p. 437). De acordo com os autores, “é fácil constatar que vínculos dessa natureza estejam associados à intenção de permanecer na profissão” (p. 438). O investimento em aperfeiçoamento, principalmente por meio de pós-graduações stricto sensu, de acordo com Bastos et al. (2010), que demandam grandes investimentos financeiros e de tempo, aumentam o comprometimento com a profissão, “atingindo seu ápice quando recebe o título de doutor” (p. 438).

Quanto aos motivos para cursar mestrado no PPGP da UFSC, os mestrandos pesquisados apresentaram as seguintes respostas: a categoria “qualidade do programa” foi indicado por 25% dos alunos, “linha de pesquisa oferecida no programa” foi mencionada por 15% dos alunos, 12% das indicações de respostas dizem respeito ao fato de já terem trabalhado com os professores da linha para escolher o PPGP da UFSC, houve 12% de indicações para “gratuidade do curso”, 20% dos alunos indicaram a proximidade da instituição a sua residência, o mesmo número de alunos indicaram a “qualificação dos professores”, a “localização geográfica” (capital do estado e litoral Catarinense) foi mencionada por 8% dos alunos, a “possibilidade de desenvolver o próprio projeto” foi mencionado por 3% e “aprofundar conhecimento na área” foi referida apenas por 2% da amostra, como motivo.

É importante destacar que um pouco mais da metade (55%) dos alunos que responderam ao questionário se graduou na própria Universidade Federal de Santa Catarina, no curso de graduação ao qual o mestrado está vinculado. O próprio vínculo desses alunos com a instituição e o contato com os professores do programa – que também ministram aulas na graduação em Psicologia – podem se configurar, portanto, como fatores relevantes para escolha dos alunos em cursar mestrado na referida universidade.

De forma geral, esses dados revelam uma avaliação positiva do programa (que é o único programa de pós-graduação em Psicologia do estado de Santa Catarina recomendado e reconhecido pela CAPES), por parte dos alunos, que buscam o PPGP da UFSC principalmente em função da qualidade do programa, que possui conceito 5 pela CAPES, e ao fomento à pesquisa que as instituições públicas recebem.

No que diz respeito às expectativas dos alunos pesquisados em relação ao término do mestrado, 36% dos alunos planejavam lecionar em universidades, 19% responderam que pretendiam uma melhor inserção no mercado de trabalho e 17% dos alunos pesquisados relataram que pretendiam continuar os estudos por meio da realização do doutorado. Um levantamento realizado por Noronha (2003) sobre a formação dos docentes de Psicologia revelou que 35,5% dos psicólogos docentes são mestres e 22% são doutores. O autor concluiu que a pós-graduação tem sido uma estratégia consideravelmente utilizada entre os profissionais de Psicologia que, atentos às exigências das Diretrizes Curriculares pela presença de mestres e doutores nos quadros docentes universitários, têm procurado se especializar para ter maiores condições de concorrer às vagas de docentes. Yamamoto et al. (2010), analisando os dados do censo realizado com os profissionais inscritos no Conselho Federal de Psicologia em 2005/2006, referem que metade da amostra pesquisada por eles frequentou ou está frequentando algum tipo de especialização, já os índices de mestres/mestrandos e/ou doutores/doutorandos era baixo, 19,4% e 5%, respectivamente.

Conforme Mattos (2007), na década de 1980 era possível visualizar a utilização de estratégias individuais para tentar melhorar a qualidade do ensino, evitar o desemprego, tais como graduar-se em dois cursos, ter bom desempenho acadêmico, realizar diversos estágios, entre outros. A autora enfatiza que desde os anos 1990 houve um deslocamento dessas alternativas para os cursos de pós-graduação *lato* e *stricto sensu*. As pessoas passaram a obter o que Mattos (2007) chamou de “vantagens comparativas” que auxiliam no distanciamento do desemprego, nas relações de trabalho e

na conquista de melhores remunerações. De acordo com Weber (2003), é possível reconhecer que a titulação pós-graduada na área de Psicologia amplia as oportunidades de inserção no mercado de trabalho, o que, conforme o autor, motivava os profissionais a sua realização.

Os dados pesquisados por Yamamoto et al. (2010) demonstram que os psicólogos brasileiros buscam mais a especialização (*lato sensu*) do que o mestrado e o doutorado. Contudo, os autores afirmam ainda que a modalidade de formação *stricto sensu* “rigorosamente” é destinada aos que seguem carreira acadêmica e então não seria esperado um alto percentual de psicólogos que atuam fora do âmbito da academia com o título de mestre ou doutor.

A universidade, desde a sua origem, é mais que um centro de formação superior ou de treinamento técnico, é uma instituição onde, além de ser ofertada educação superior e produção de cultura, se faz ciência e se desenvolve tecnologia (Menezes, 2000). Diante dos motivos e expectativas apresentados pelos pesquisados para cursar o mestrado, é possível depreender que tanto a formação para produção de conhecimento e ciência quanto a formação para o mercado de trabalho são importantes. As carreiras docente e de pesquisador estão relacionadas e são fundamentalmente intrínsecas à educação; os psicólogos que as escolhem, tornam-se responsáveis pela formação de novos profissionais, capazes de desenvolver ciência e produzir conhecimento diante das demandas da sociedade para o desenvolvimento do país. “A universidade não é feita de móveis e imóveis, equipamentos e livros, mas de uma comunidade viva que, até por força do ofício, permanentemente pensa e atua” (Menezes, 2000, p. 8).

Considerações finais

Ao realizar uma análise das características sociodemográficas dos mestrandos e das percepções dos mesmos acerca das motivações que os levam a cursar mestrado em Psicologia, relacionando-as às condições impostas pelas relações contemporâneas de trabalho,

deparou-se com algo maior do que as escolhas individuais de sujeitos pós-graduandos.

Diante dos motivos apresentados pelos próprios mestrandos, foi possível identificar que a docência emerge como uma das principais alternativas de carreira para esses psicólogos e que, mesmo quando a docência se configura como prática de dedicação exclusiva, tem se estabelecido como escolha. Ainda que o mercado de trabalho para o ensino superior em Psicologia não seja promissor (em função de as universidades não absorverem todos os profissionais que se titulam mestre ou doutor), a “boa remuneração” e o reconhecimento social atrelado a este ofício têm influenciado os psicólogos a escolher fazer mestrado, para posterior inserção nessa área de atuação (Bastos et al., 2010).

Em um contexto em que muitas pessoas procuram aprimorar-se e qualificarem-se, as instituições de ensino superior abrem suas portas para atender a essa demanda mediante a realização dos cursos de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. Diante dessa realidade, foi possível encontrar, embora em amostra menor, porém significativa, mestrandos que não necessariamente contemplavam a carreira acadêmica em seus projetos profissionais, ou seja, não apresentavam a intenção de exercer a docência ou a carreira de pesquisador profissional, mas atender a uma demanda do mercado.

Foi possível identificar ainda que 72% dos mestrandos pesquisados realizam atividades remuneradas – ao mesmo tempo em que cursam o mestrado – em sua maioria, relacionadas à formação em Psicologia. Esses dados sugerem que, mesmo diante da iminente “precarização” do trabalho, os dados obtidos não permitem afirmar que a pós-graduação se configura como alternativa a essas consequências das relações contemporâneas de trabalho.

Tanto as características sociodemográficas e a trajetória acadêmica/ocupacional dos mestrandos estudados quanto os motivos apresentados por eles para cursar mestrado revelam uma condição em que, como todos os bens de consumo produzidos pelo mercado,

o conhecimento também possui “prazo de validade” em determinados contextos.

É importante salientar que essa pesquisa foi realizada com alunos já matriculados no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC e não com seus candidatos. Portanto, a variável trajetória acadêmica dos mestrandos apresenta certa consistência, visto que, para inserirem-se no referido programa, seus *curriculum lattes* foram avaliados em uma das etapas da seleção, o que implica em terem sido aprovados aqueles que tiveram anteriormente contato com o desenvolvimento de pesquisas. Assim, propõem-se a realização de novas investigações relacionadas aos fatores que influenciam psicólogos a cursar pós-graduação *stricto sensu* (mestrado) em Psicologia enquanto ainda candidatos às vagas para essa formação.

Levando em consideração a Psicologia como ciência e profissão, torna-se importante investigar as características envolvidas no processo de escolha de psicólogos em cursar mestrado nessa área, pois suscita o seguinte questionamento: se a pós-graduação *stricto sensu* se destina, primordialmente, à formação de pesquisadores e professores de ensino superior, e se a universidade responder apenas à condição social de ser útil somente se é lucrativo, isto é, de atender somente às demandas das formas de produção de capital, como esses psicólogos estão sendo formados? Profissionais e também cientistas da área? Dependendo da resposta que se dá a essa pergunta, a formação científica corre risco de perder seu sentido como instrumento de desenvolvimento da sociedade (Viecili, 2008). Talvez essa questão pareça depender hoje, muito mais das instituições que formam do que somente dos sujeitos que escolhem.

É possível ainda sugerir que se investiguem os fatores que influenciam a escolha pelo doutorado, levando em consideração as expectativas apresentadas pelos mestrandos em cursar doutorado e o fato de que doutorandos não necessariamente desejam seguir somente a carreira docente ou de pesquisador profissional, mas, conforme já discutido, de atender também a demandas mercadológicas.

Considera-se também que tal investigação seria apropriada não apenas com profissionais da Psicologia, mas de diferentes ciências, já que há investimento financeiro diferenciado para produção de ciência e tecnologia entre as áreas de conhecimento.

Outro aspecto acerca do qual se considera relevante desenvolver pesquisas é o projeto profissional de docentes e pesquisadores profissionais. A carreira docente e de pesquisador profissional parece ser o fator que mais tem motivado psicólogos a buscarem cursar mestrado. Da mesma forma, estudos relacionados às condições contemporâneas

e suas influências sobre as atuais constituições das pós-graduações, também se demonstram importantes.

Para os psicólogos e para outros profissionais, cabe a procura por espaço para atuação a fim de garantir formas de desenvolvimento da carreira profissional. A busca por qualificação, no caso dos sujeitos dessa pesquisa, não teve como intenção conseguir necessariamente a inserção no mercado de trabalho, mas sim, sobretudo, conforme dados estudados, possivelmente assegurar melhores condições de trabalho e remuneração e/ou complementar a formação em nível de graduação.

Hellen Cristine Geremia

Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina,
Florianópolis – SC, Brasil.

E-mail: hellen.geremia@gmail.com

Iúri Novaes Luna

Doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC. Brasil.

E-mail: iuri.luna@ufsc.br

Paulo Roberto Sandrini

Doutor pela Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis – SC. Brasil.

E-mail: paulo.sandrini@unisul.br

Endereço para envio de correspondência:

Rua Comandante José Ricardo Nunes, 216, Bloco C – Ap. 202, Bairro Estreito.
CEP: 88070-220. Florianópolis – SC. Brasil.

Recebido: 19/03/2013, 1ª Reformulação: 15/04/2014, Aprovado: 22/05/2015.

Referências

- Almeida Júnior, A., Sucupira, N., Salgado, C., Barreto Filho, J. B., Silva, M. R., Trigueiro, D., et al. (2005). Parecer CFE nº 977/65, aprovado em 3 dez. 1965. *Revista Brasileira de Educação*, (30), 162-173. doi:10.1590/S1413-24782005000300014
- Almeida, M. E. G. G. de, & Pinho, L. V. (2008). Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica*, 20(2), 173-184. doi:10.1590/S0103-56652008000200013
- Alves, G. (2007). *Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios da sociologia do trabalho* (2a ed.). Londrina: Praxis.
- Antunes, R. (2002). *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho* (8a ed.). São Paulo: Cortez.
- Antunes, R., & Pochmann, M. (2008). Dimensões do desemprego e da probraza no Brasil. *InterfacsEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*, 3(2). Recuperado em 30 de outubro de 2012, de <http://www.revistas.sp.senac.br/index.php/ITF/article/viewFile/119/135>
- Appolinário, F. (2009). *Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa*. São Paulo, SP: Cenage Learning.
- Aranha, M. L. A. (1997). Trabalhar pra quê? In M. Kupstas, (Org.), *Trabalho em debate* (pp. 20-37). São Paulo, SP: Moderna.
- Barbetta, P. A. (2012). *Estatística aplicada às ciências sociais* (8a ed.). Florianópolis, SC: Editora da UFSC.
- Barbosa, A. J. G., & Lamas, K. C. A. (2012). A orientação profissional como atividade transversal ao currículo escolar. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 17(3), 461-468. doi:10.1590/S1413-294X2012000300015
- Bardagi, M., Santos, M., & Luna, I. (2014). Odesafio da orientação profissional com adolescentes no contexto da modernidade líquida. *Revista de Ciências Humanas*, 48(2), 303. doi:10.5007/2178-4582.2014v48n2p303
- Bastos, A. V. B., Gondim, S. M. G., & Borges-Andrade, J. E. (2010). As mudanças no exercício profissional da Psicologia no Brasil: o que se alterou nas duas últimas décadas e o que vislumbramos a partir de agora? In A. V. B. Bastos, S. M. G. Gondim, *O trabalho do psicólogo no Brasil* (pp. 419-444). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Bihr, A. (1998). *Da grande noite à alternativa: o movimento operário europeu em crise*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Bock, S. D. (2002). *Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica*. São Paulo, SP: Cortez.
- Bohoslavsky, R. (1998). *Orientação vocacional* (11a ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bourdieu, P. (2010). *Escritos de educação* (11a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Brasil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*. 23 de dezembro de 1996.
- Brasil, Ministério da Educação (2004). *Plano Nacional de Pós-graduação (PNPG) 2005 – 2010*. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Brasília.
- Brasil, Ministério da Educação (2010a). *Plano Nacional de Pós-graduação (PNPG) 2011 – 2020*. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Brasília. Recuperado em 18 de outubro de 2012, de: <http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/plano-nacional-de-pos-graduacao/pnpg-2011-2020>
- Brasil, Ministério da Educação (2011). *Resumo Técnico Censo da Educação Superior de 2010*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Brasília. Recuperado em 25 de janeiro de 2013, de: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/resumo_tecnico/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2010.pdf
- Brasil, Ministério da Ciência e Tecnologia (2010b). *Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação 2007 – 2010*. Brasília. Recuperado em 10 de janeiro de 2013, de: http://www.inovacao.unicamp.br/report/inte-PACATI_110207.pdf
- Chauí, M. (2001). *Escritos sobre universidade*. São Paulo, SP: UNESP.

- Conselho Federal de Psicologia (2002). *Quem é o psicólogo brasileiro?* Recuperado em 5 de maio de 2010, de: <http://www.redepsi.com.br/portal/modules/news/article.php?storyid=203>
- Costa, J. M. (2007). Orientação profissional: um outro olhar. *Psicologia USP*, 18(4), 79-87. doi:10.1590/S0103-65642007000400005
- Cury, C. R. J. (2004). Graduação/pós-graduação: a busca de uma relação virtuosa. *Educação & Sociedade*, 25(88), 777-93. doi:10.1590/S0101-73302004000300007
- Dias, M. S. L., & Soares, D. H. P. (2012). A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(2), 272-283. doi:10.1590/S1414-98932012000200002
- Feijoo, A. M. L. C., & Magnan, V. C. (2012). Análise da escolha profissional: uma proposta fenomenológico-existencial. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(2), 356-373. doi:10.1590/S1414-98932012000200007
- Fernandes, F. S. (2011). Futuros educadores ou professores? Um estudo sobre as representações sociais dos acadêmicos de letras da Universidade Federal do Amazonas/Humaitá sobre a carreira docente. *Educar em Revista*, (39), 241-256. doi:10.1590/S0104-40602011000100016
- Gomes, R. (1994). A análise de dados em pesquisa qualitativa. In S. F. Deslandes, O. Cruz Neto, R. Gomes, & M. C. S. Minayo. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (21a ed., pp. 67-80). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gómez, S. G. O. A. (2006). *Análise do processo de decidir sobre a carreira profissional de psicólogos docentes universitários*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Gondim, S. M. G.; Magalhães, M. O., & Bastos, A. V. B. (2010). Escolha da profissão: as explicações construídas pelos psicólogos brasileiros. In A. V. B. Bastos, S. M. G. Gondim, *O trabalho do psicólogo no Brasil* (pp. 66-84). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Gramani, M. C. N., & Scrich, C. R. (2012). Influência do desempenho educacional na escolha da profissão. *Cadernos de Pesquisa*, 42(147), 868-883. doi:10.1590/S0100-15742012000300012
- Harvey, D. (1992). *Condição pós-moderna*. São Paulo, SP: Loyola.
- Heloani, R., Macêdo, K. B., & Cassiolato, R. (2010). O exercício da profissão: características gerais da inserção profissional do psicólogo. In A. V. B. Bastos, S. M. G. Gondim, *O trabalho do psicólogo no Brasil* (pp. 107-130). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Louzada, R. C. R., & Silva Filho, J. F. (2008). Tornar-se pesquisador: a escolha profissional como um processo. *Psicologia em Estudo*, 13(4), 753-760. doi:10.1590/S1413-73722008000400013
- Luiz, E. C. (2008). *Classes de comportamentos componentes da classe "projetar a vida profissional" organizadas em um sistema comportamental*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Luna, I. N., Bardagi, M. P., Gaikoski, M. M., & Melo, F. S. (2014). Empresas juniores como espaço de desenvolvimento de carreira na graduação: reflexões a partir de uma experiência de estágio. *Revista Psicologia*, 14(4), 441-451.
- Magalhães, M. O. (2008). Relação entre ordem de nascimento e interesses vocacionais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(2), 203-210. doi:10.1590/S0103-166X2008000200005
- Magalhães, M., Stralioatto, M., Keller, M., & Gomes, W. B. (2001). Eu quero ajudar as pessoas: a escolha vocacional da psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(2), 10-27. doi:10.1590/S1414-98932001000200003
- Malvezzi, S.; Souza, J. A. J., & Zanelli, J. C. (2010). Inserção no mercado de trabalho: os psicólogos recém-formados. In A. V. B. Bastos, S. M. G. Gondim, *O trabalho do psicólogo no Brasil* (pp. 85-106). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Mattos, V. B. (2007). *Pós-graduação em tempo de precarização do trabalho: um estudo sobre o alongamento da escolarização entre os mestrados da UFSC*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

- Mattos, V. B., & Bianchetti, L. (2007). *O alongamento da escolarização como alternativa ao desemprego: uma panacéia a mais no mundo do trabalho*. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.
- Menezes, L. C. (2000). *Universidade sitiada: a ameaça de liquidação da universidade brasileira*. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo.
- Moura, C. B., & Silveira, J. M. (2002). Orientação profissional sob o enfoque da análise do comportamento: avaliação de uma experiência. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 19(1), 5-14. doi:10.1590/S0103-166X2002000100001
- Neiva, K. M. C. (1995). *Entendendo a orientação profissional*. São Paulo, SP: Paulus.
- Nepomuceno, R. F., & Witter, G. P. (2010). Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1), 15-22. doi:10.1590/S1413-85572010000100002
- Noronha, A. P. P. (2003). Docentes de psicologia: formação profissional. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(1), 169-173. doi:10.1590/S1413-294X2003000100019
- Noronha, A. P. P., & Ambiel, R. A. M. (2015). Level of differentiation of vocational interests profiles: comparative study by age and schooling in a Brazilian sample. *Paidéia*, 25(60), 49-56. doi:10.1590/1982-43272560201507
- Oliveira, L., & Cunha, M. S. (2010). A evolução recente do desemprego no mercado de trabalho brasileiro. *Revista Economia e Tecnologia*, 6(3) 71-77.
- Oliveira, M. D., & Melo-Silva, L. L. (2010). Estudantes universitários: a influência das variáveis socio-econômicas e culturais na carreira. *Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1), 23-34. doi:10.1590/S1413-85572010000100003
- Pochmann, M. (2002). *O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século* (3a ed.). São Paulo, SP: Contexto.
- Ribeiro, M. M. F., Leal, S. S., Diamantino, F. C., & Bianchi, H. A. (2011). A opção pela medicina e os planos em relação ao futuro profissional de estudantes de uma faculdade pública Brasileira. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 35(3), 405-411. doi:10.1590/S0100-55022011000300015
- Sales, A. C. M., & Chamon, E. M. Q. O. (2011). Escolha da carreira e processo de construção da identidade profissional docente. *Educação em Revista*, 27(3), 183-210. doi:10.1590/S0102-46982011000300010
- Santos, B. S. (2003). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade* (9a ed). São Paulo, SP: Cortez.
- Santos, L. M. M. (2005). O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 57-66. doi:10.1590/S1413-73722005000100008
- Silva, J. S. (2004). A influência dos meios de comunicação social na problemática da escolha profissional: o que isso suscita à Psicologia no campo da orientação vocacional/profissional?. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(4), 60-67. doi:10.1590/S1414-98932004000400008
- Silva, F. F., & Ribeiro, P. R. C. (2012). A inserção das mulheres na ciência: narrativas de mulheres cientistas sobre a escolha profissional. *Linhas Críticas*. Brasília, 18(35): 171-191.
- Silva, S. S., Borges, L. O., & Barbosa, S. C. (2014). A profissão de advogado conforme apresentada em jornais paraibanos. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), 652-663. doi:10.1590/S0102-71822014000300014
- Soares, D. H. P. (2002). *A escolha profissional do jovem ao adulto* (2Aed.). São Paulo, SP: Summus.
- Soares, D. H. P., Krawulski, E., Dias, M. S. L., & D'Ávila, G. T. (2007). Orientação profissional em contexto coletivo: uma experiência em pré-vestibular popular. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(4), 746-759. doi:10.1590/S1414-98932007000400014
- Tartuce, G. L. B. P., Nunes, M. M. R., & Almeida, P. C. A. (2010). Alunos do ensino médio e atratividade da carreira docente no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, 40(140), 445-477. doi:10.1590/S0100-15742010000200008

- Teixeira, M. A. P. (2002). *A experiência de transição entre a universidade e o mercado de trabalho na adultez jovem*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Universidade Federal de Santa Catarina. (2010). *Programa de Pós-graduação em Psicologia*. Recuperado em 20 de outubro de 2010, de: <http://ppgp.ufsc.br/>
- Valore, L. A., & Cavallet, L. H.R. (2012). Escolha e orientação profissional de estudantes de curso pré-vestibular popular. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 354-363. doi:10.1590/S0102-71822012000200013
- Viecili, J. (2008). *Classes de comportamentos profissionais que compõem a formação do psicólogo para intervir por meio de pesquisa sobre fenômenos psicológicos, derivadas a partir das diretrizes curriculares nacionais para cursos de graduação em Psicologia e da formação desse profissional* (2v). Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Weber, S. (2003). Psicologia: mestres e doutores titulados entre 1990 e 1999. In: J. Velloso (Org.). *A pós-graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país: direito, economia, engenharia mecânica, geociências, odontologia e psicologia* (pp. 221-2440). Brasília, DF: Fundação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
- Yamamoto, O. H.; Souza, J. A. J.; Silva, N., & Zanelli, J. C. (2010). A formação básica, pós-graduada e complementar do psicólogo no Brasil. In A.V. B. Bastos, S. M. G. Gondim, *O trabalho do psicólogo no Brasil* (p.45-65). Porto Alegre, RS: Artmed